

# Suplemento Cultural

## MARECHAL MALLET EM AQUIDAUANA

**REGINALDO ALVES DE ARAÚJO**  
– presidente da ASL

Há um renovado prazer quando estou a caminhar nas ruas de Aquidauana, porém uma endógena emoção circunda meus passos quando piso, com extremo carinho, a Marechal Mallet que, com seus quase dois quilômetros de extensão, tem origem na lindíssima Matriz de N. S. da Conceição, atravessa o centro e morre na Chácara Guanandy, do Sr. Totó Rondon. Ali morava, no nº 606, o renomado cronista Heliophar Serra, falecido em 2011, amigo de todas as horas, que abraço sempre. Ocupando os espaços da rua, da Matriz aos verdolengos capins da Chácara Guanandy, a alma do heróico Mallet passeia em forma de brisa, na claridade do dia e nas noites auriluzentes de estrelas.

Corri para os livros, afundi-me em horas de pesquisas e o descobri e amei profundamente a sua história.

Emílio Luis Mallet nasceu em Dunquerque, França, no dia 10 de junho de 1801, filho de Jean Antoine Mallet e Julie-Marie Joseph Mallet, ambos franceses. Chegou ao Rio de Janeiro, então capital do Reino Unido



MARECHAL EMÍLIO LUIS MALLET – O Barão de Itapevi

de Portugal, Brasil e Algarves, em 1817, com apenas 16 anos, como emigrado político, assim como seus pais e irmãos, em consequência dos acontecimentos do Império de Napoleão e da Restauração Monárquica na França.

Hoje, quase dois séculos depois, pode-se dizer que a vinda da família Mallet para o Brasil constituiu-se numa ação típica de perfeita integração ao sentimento da nacionalidade brasileira. Sua conduta e atividade na jovem nação que a recebeu em seu seio refletem o ideal de um grupo que mudou de terra, não apenas com o

propósito de encontrar asilo, mas também com o desejo de contribuir para o seu progresso. E foi o que aconteceu. Ganhou o Brasil. Perdeu a França.

Adaptando-se aos usos e costumes da nova terra, os Mallet sobressaíram-se ocupando posições, sempre destacadas, na sociedade brasileira naquele tempo e nos dias do Império. O jovem Emílio Luis Mallet, caçula do casal francês, iniciou seus estudos em Bruges, Bélgica Francesa, no liceu Deschamps onde, com inteligência, diplomouse nos cursos de Humanidades e Matemática. Já no Brasil, após o sete de setembro de 1822 (Independência), o imperador Pedro I o convidou para assentar praça como 1º Cadete e, a partir dali, começa uma carreira inteiramente dedicada à sua nova pátria, com 22 anos, um metro e noventa e dois de altura, cabelos castanhos e olhos azuis.

Em 1823, matricula-se na Academia Militar do Império; formado, foi nomeado 2º Tenente de Artilharia Montada da Corte. A sua primeira experiência bélica ocorreu na Guerra da Cisplatina (1827 – 1828) assumindo o comando da 1ª Bateria do Corpo

de Artilharia Montada das Tropas Brasileiras. Ali adquiriu a tarimba que, daí em diante, não pararia de crescer, mas também de manifestar a bravura que, pelo resto da vida, seria seu apanágio. Este foi não só seu batismo de fogo, mas o início de uma brilhante carreira militar.

Mallet, agora major, na condição de Chefe do Estado Maior da 1ª Divisão do Exército, foi um dos valorosos defensores das forças imperiais na Revolução Farroupilha. Na Guerra do Prata (1851 – 1852), comandou o 1º Regimento de Artilharia a Cavalo. Na Campanha do Uruguai (1865), Mallet já era Tenente-Coronel e Comandante das Baterias de Artilharia do Exército Brasileiro.

Na Guerra do Paraguai (1865 – 1870) Mallet é elevado à patente de Coronel e, no término da campanha vitoriosa, a Brigadeiro. Durante todo o tempo da guerra, a pedido de Caxias, exerceu o Comando Geral das Unidades Integradas da Artilharia do Exército. Em 28 de dezembro de 1878 foi-lhe conferido o título de Barão de Itapevi, pelo Governo Imperial. Logo depois, em 18 de janeiro do ano seguinte, é promovido a Marechal de

“

Na Guerra do Paraguai (1865 – 1870), Mallet é elevado à patente de Coronel e, no término da campanha vitoriosa, a Brigadeiro. (...) a pedido de Caxias, exerceu o Comando Geral das Unidades Integradas da Artilharia do Exército”

Campo. No ano de 1884 foi graduado no posto de Tenente-General e, para cobrir-lhe de glória, em 31 de dezembro de 1885, Mallet é promovido a Marechal-de-Exército por contar 63 anos de bons e leais serviços prestados ao Brasil.

O Marechal Mallet faleceu no dia 2 de janeiro de 1886. Ele foi condecorado com o título de Patrono da Artilharia do Exército Brasileiro.

Quando você caminhar nas ruas de Aquidauana e pisar na Marechal Mallet solte um olhar de reverência, de respeito e lembre-se da gloriosa história que acabou de ler.

### Sesquicentenário da Guerra do Paraguai: “A estratégica ‘Retirada da Laguna’ como princípio tático do estado de defesa”

**JOSÉ PEDRO FRAZÃO**

Na ótica da ciência militar, bater em retirada não é fugir. Não é debandada, como pensam os leigos em assuntos da caserna. A retirada é uma manobra de guerra. Não é uma escapada covarde, mas um recuo tático, responsável e corajoso com o objetivo de preservar a força de combate. Não é uma evasão precipitada, mas uma operação de batalha, pensada, planejada, previsível. Tanto que não se faz com desordem e sim com técnica e o máximo de organização e disciplina possíveis.

A retirada é uma tática militar treinada no mundo inteiro, em todas as épocas. É um procedimento de circunstância feito pela tropa em campanha com o objetivo estratégico de se afastar do inimigo. Ocorre geralmente quando os retirantes se encontram em situações de desvantagem, ou quando o conflito é suspenso. A retirada em combate evita que as próprias forças se tornem alvo fácil ao inimigo. E, assim como serve para evitar uma cilada, às vezes também serve para iludir o oponente, ou atraí-lo para um local de duelo menos favorável a ele.

Durante uma retirada ativa, os soldados formam uma grande coluna dividida em pelotões que se revezam na defesa dos flancos e da retaguarda da tropa, que se afasta sem deixar de combater o inimigo, numa posição defensiva móvel. Foi assim a célebre “Retirada da Laguna”, ocorrida no período de oito de maio a onze de junho

de 1867, em meados da Guerra contra o Paraguai (1864 a 1870), protagonizada pela tropa brasileira que defendia o sul de Mato Grosso contra a invasão guarani (episódio que ficou famoso depois que o relato de campanha do oficial combatente e memorialista do império, Alfredo d’Escagnolle Taunay, transformou-se em livro).

Nessa retirada, os soldados do império estavam com poucos víveres e reduzida munição, motivo por que ousaram invadir a fazenda Laguna, do presidente paraguaio Solano Lopes, conquanto já espreguiavam grandes obstáculos pela frente: a forte cavalaria inimiga, a macega incendiária, o terreno desconhecido nos dois lados da fronteira (divisa do rio Apa) e as doenças dos pântanos. Dos quase três mil homens enviados pelo império para combater os iniciais oito mil invasores, restavam menos de dois mil brasileiros (coluna reduzida pelas doenças palustres), que, partindo da destruída vila de Miranda, a pé e sob o comando do Coronel Carlos de Moraes Camisão, desafiavam os mais de três mil cavaleiros paraguaios chefiados pelo comandante Vicente Barrios.

Frustrada a operação e na pior adversidade, nossos soldados marcharam estrategicamente em retirada, mas lutaram o tempo inteiro, de Laguna (no Paraguai) até as margens do Rio Taquarussu (entre Nioaque e Anastácio, onde se encerrou a perseguição inimiga), a três dias da finalização da retirada, que se deu em 11 de junho, no Porto Canuto (margem esquerda do Rio Aquidauana), pertencente a uma fazenda hoje situada em terras do município de Anastácio e que se tornou referencial histórico do Mato Grosso do Sul e do Brasil.

No mundo bélico há muitas retiradas que se tornaram famosas e entra-

ram para a História como ato heroico, de glória ou de inteligência. Contudo, a nossa retirada, durante a qual se registrou a sangrenta e famosa batalha de Nhandipá, sendo que depois dela as baixas imperiais se deram mais pelas doenças que pelo fogo inimigo, assinala a bravura e a intrepidez dos soldados brasileiros (ajudados desde o início pelo guia José Lopes e por centenas de bravos índios, sobretudo kadiwéus e terenas). Por isso, a Retirada da Laguna exige da historiografia nacional, sem prejuízo aos feitos consagrados dos outros palcos dessa guerra, não a consagração – posto que não foi uma conquista e sim um exemplo de resistência e patriotismo –, mas o mesmo reconhecimento e o respeito histórico que lhe atribuam a imprensa e a intelectualidade acadêmica mundial.

Idêntica reivindicação honorífica ainda faz o Porto Canuto, como marco final da retirada, onde no desfecho o então comandante major José Tomás Gonçalves exaltou os setecentos soldados sobreviventes dessa marcha, pela boa ordem com que cumpriram o princípio do estado de defesa. Esse local atualmente foi tombado e immortalizado com expressivo monumento e placa de honra aos heróis, pelo 9º BE Cmb – Batalhão Carlos Camisão, de Aquidauana, como símbolo e parte do maior patrimônio histórico da Guerra contra o Paraguai no Mato Grosso do Sul.

Portanto, nesses 150 anos após o início da guerra (que eticamente não se comemora), há que se rememorar e perpetuar os fatos importantes para a História do País e do continente, outorgando, sem preconceito ou discriminação regional, o devido valor histórico e cultural à Retirada da Laguna e ao seu trajeto.

### POESIAS

#### CASTELO DE UM POETA

Sonhei que a dama dos meus sonhos fosse Bem mais que o fruto de uma ex-costela... Que fosse a síntese mais nobre e doce De borboleta e flor, de luz e estrela!...

Abelha e beija-flor em prece-pose Trescalassem essências ao fazê-la... Enfim, tudo que o Belo em arte ouse Plasmei em sonho e a delirar pus nela!

Um dia a ideal “Eva”, tão sonhada, – A deusa trans-divina mais seleta – Pousou em mim qual ave iluminada...

Porém, com suas garras de rapina, Raptou-me os mil sonhos de poeta, Deixou-me em treva – a tatear ruína!

GERALDO RAMON PEREIRA

#### CUIABÁ

O sol ilumina três dias cozinha as gentes de cá suor que me dá agonia uma cortesia de Cuiabá

O comércio fazia cesta havia saraus de piano Povo que gosta de festa seresta e luar cuiabano

Rodados os paus de outros barrancos migrantes paulistas e do Paraná... Outrora tomados por saltimbancos fincaram raízes em Cuiabá...

Está consumado: segui pra Piedade fui enterrado como um paisano. Sou semente nova na velha cidade em Cuiabá, eu morri cuiabano.

EDUARDO MAHON  
(membro correspondente da ASL)

### NOTÍCIAS DA ACADEMIA

POETA SOARES FEITOSA EM VISITA LITEROCULTURAL A CAMPO GRANDE – O poeta e advogado cearense, Francisco José SOARES FEITOSA, editor do maior site poético do Brasil ([www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)), esteve visitando a nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, onde foi entrevistado pelo secretário-geral da ASL, acad. Rubenio Marcelo, e o IHGMS, em que foi recepcionado pelo historiador acad. Valmir Batista Corrêa. Entre outros locais, Soares Feitosa, acompanhado de Rubenio e o amigo Nelson Fonseca, honrou com sua visita o coordenador deste *Suplemento* (pela ASL), acad. Geraldo Ramon Pereira, o qual os acolheu, em sua residência, num autêntico sarau literomusical, regado à poesia, viola e violão, ao sabor de cantorias, petiscos e cafezinho. É ponto basilar do pensamento da nossa Academia a harmônica interação com os que fazem arte/literatura com responsabilidade. Nossos agradecimentos ao ilustre visitante Soares Feitosa, renomado autor de ‘Réquiem em Sol da Tarde’ e ‘Psi, a Penúltima’ – obras que trazem elogios de nomes como Jorge Amado, Thiago de Mello, Ivan Junqueira, Manoel de Barros e tantos outros.

### Mel de abelhas

**Uma colônia, uma rainha, sexo pleno e trágico**

**RAQUEL NAVEIRA**

Sobre a prateleira, frascos de vários tipos de mel. Leio os rótulos: de café, de eucalipto, de laranja e de limão. Cada fluido tem um tom, um sabor, uma viscosidade diferentes. Escolho o pote de mel silvestre mergulhado na forma bruta dos favos, recheado de própolis e pólen. Imagino o enxame de laboriosas abelhas que sublimaram o perfume das flores. O prado inteiro de rosas amarelas, focos de incêndio que cabem agora neste único

pote. Em breve esse mel pousará sobre meus lábios, a cera derreterá entre meus dentes. Minha alma ficará embriagada de inteligência, brilho e poesia.

Por ser um símbolo da realza, Napoleão Bonaparte escolheu a abelha como emblema da França. A cena está descrita num livro que marcou minha adolescência, o romance histórico “Désirée”, da escritora austríaca Annemarie Selinko. O romance evoca fatos e personagens célebres, com força plástica e humana. Reconstitui todo o panorama da Revolução Francesa e do Império Napoleônico, numa grande visão de conjunto da instituição dos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Inesquecíveis e vivos surgem Napoleão, Josefina, o General Bernadotte e Désirée.

Em forma de diário, revela o extraordinário destino da burguesinha filha de um comerciante de sedas de Lion, que foi a primeira noiva de Napoleão e acabou como rainha da Suécia.

Napoleão desenrola diante de sua “pequena noiva de outrora” uma folha com desenhos. No ângulo superior se via traçada uma enorme abelha e, no centro, um quadrado repleto de abelhas em distâncias iguais. Abelhas para adornar tudo: paredes, cortinas, caleças e, principalmente, o manto de coroação do Imperador. Na noite em que li essa passagem, fiquei tão impressionada que sonhei com abelhas vermelhas, destilando sangue.

Como são organizadas as colmeias. Um ateliê de fabricar mel. As abelhas

trabalham infatigáveis, orquestradas pela abelha-rainha, nutrida de geleia real, cheia de ovos no ventre. E há os zangões, os machos reprodutores que protegem a colmeia e fecundam as rainhas virgens. Nas tardes quentes e sem vento copulam em pleno voo, pagando um preço alto pela proeza: após a cópula, seu órgão genital se rompe e ele morre. Uma colônia, uma rainha, sexo pleno e trágico. Estariam os homens se transformando em zangões?

Em hebraico, o nome da abelha é Dbure, Débora. Débora foi uma juíza descrita no Livro de Juízes do Antigo Testamento da Bíblia. Liderou os israelitas contra o domínio de Canaã. Defendeu uma nação errante, sedenta de espiritualidade. Pessoas vinham de longe

consultá-la e resolver contendas. Com autoridade e firmeza ela aconselhava, ao lado de sua tenda, debaixo das palmeiras. Abelha e sacerdotisa, Débora tinha a alma pura dos iniciados purificados pelo fogo e entranhados da doçura do mel.

Na mitologia greco-romana, a ninfa Melissa foi sacrificada por seu pai aos deuses e do seu cadáver brotaram abelhas, potência feminina zumbindo e arrendendo pelos ares.

Examinando o pote de mel silvestre, os alvéolos dourados. Eu que também sou abelha, operária incansável em meu sacerdócio, cantarolei baixinho os versos da música “Cio da Terra”, de Milton Nascimento: “Decepar a cana/ Recolher a garapa da cana/ Roubar da cana a doçura do mel/ Se lambuzar de mel.”